

NOVOS RUMOS DA MUSEOLOGIA E O SEU ENSINO NA UNIVERSI- DADE LUSÓFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS

Mário Moutinho

Vice-Reitor da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
– Departamento de Arquitectura, Urbanismo e Artes

“Expor é ou deveria ser, trabalhar contra a ignorância, especialmente contra a forma mais refractária da ignorância: a ideia pré – concebida, o preconceito, o estereótipo cultural. Expor é tomar e calcular o risco de desorientar – no sentido etimológico: (perder a orientação), perturbar a harmonia, o evidente, e o consenso, constitutivo do lugar comum (do banal). No entanto também é certo que uma exposição que procuraria deliberadamente escandalizar traria, por uma perversão inversa o mesmo resultado obscurantista que a luxúria pseudo – cultural. ...entre a demagogia e a provocação, trata-se de encontrar o itinerário subtil da comunicação visual. Apesar de uma via intermédia não ser muito estimulante: como dizia Gaston Bachelard, todos os caminhos levam a Roma menos os caminhos do compromisso.” (Michel Thévoz, *Esthétique et/ou anesthésie museographique, Objects Prétextes, Objects Manipulées*. Neufchatel, 1984, p. 168)

Parece ser cada vez mais evidente que os museus têm vindo a sofrer modificações que se manifestam em vários níveis. Para lá das funções tradicionais da recolha, conservação e exibição de objectos, os museus têm vindo a pretender servir como meios de comunicação, abertos às preocupações do mundo contemporâneo. Para isso têm vindo a utilizar o que a tecnologia coloca ao seu alcance, guiam-se à luz do *marketing* e da gestão empresarial moderna.

Noutros casos assumem-se como centros de dinamização sócio – cultural, procurando participar e ser veículos do desenvolvimento do meio que lhes dá vida.

Por mais elementar que seja atenção que se preste ao panorama da Museologia contemporânea em Portugal dever-se-á reconhecer o seu carácter multifacetado, onde se cruzam conceitos, atitudes, e objectivos que traduzem não só orientações gerais da museologia, mas o papel e o lugar que os diferentes actores dos mais variados processos, pretendem ocupar na sociedade na afirmação do direito partilhado a uma plena cidadania.

As diferentes formas de museologia desenvolvidas por todo o país em particular depois da revolução de 25 de Abril de 1974 que levou à democratização do país e ao fim do império colonial (Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Timor...) permitem afirmar que paralelamente aos museus de Estado, vieram à luz do dia centenas de processos museológicos por iniciativa do forte movimento associativo cultural e ecológico e do reforço poder autárquico reforçado no seio de um processo profundo de descentralização.

São dezenas de milhar de pessoas que de formas diferentes e mais ou menos elaboradas ou teorizadas, encontraram na museologia o meio privilegiado de expressão sobre questões de tantos patrimónios – histórico, arquitectónico, linguístico, arqueológico ou antropológico num contexto de valorização e identificação das especificidade e competências locais.

Trata-se sem dúvida de processos museológicos, permanentes ou intermitentes, criativos ou reprodutores de modelos, conservadores ou participantes no desenvolvimento das comunidades que lhes dão vida.

Trata-se de uma museologia no essencial pobre, sem recursos financeiros e saberes sofisticados e que tantas vezes também é marcada por ideologias e paradigmas desfasados.

Mas trata-se também, de uma museologia que exprime a cultura do nosso tempo, a cultura das misturas, expressão de uma sociedade em mudança.

Estes museus e processos museológicos são em nosso entender a expressão profunda da museologia contemporânea em Portugal.

E, neste sentido esta museologia do quotidiano revela-se ser também uma componente essencial da própria mudança.

Não é assim um fenómeno de ruptura ou marginal, mas pelo contrário é fruto e semente de uma sociedade mais democrática, de um associativismo mais livre, de um municipalismo mais consciente de um novo modelo de desenvolvimento que favoreça a descentralização e consequente valorização dos recursos locais – humanos e naturais.

Não nos podemos mais contentar com a eventual modernização dos museus tradicionais, pretendida na maior parte das vezes através da criação de uma medíocre loja quase sem nada para vender, ou com as mega-exposições de objectos raros com orçamentos que insultam o mais elementar bom senso e seriedade.

Julgamos que a urgência está antes de mais na abertura do museu ao meio no estudo da sua relação orgânica com o contexto social que lhe dá vida factos que têm provocado a necessidade de elaborar e esclarecer novas relações, noções e conceitos que podem dar conta deste processo.

O alargamento da noção de património, é a consequente redefinição de “objecto museológico”, a ideia de participação da comunidade na definição e gestão das práticas museológicas, a museologia como factor de desenvolvimento, as questões de interdisciplinaridade, a utilização das “novas tecnologias” de informação e a museografia como meio autónomo de comunicação, são exemplo das questões decorrentes das práticas museológicas contemporâneas e fazem parte de uma crescente bibliografia especializada.

Alteram-se aqui o lugar e a função dos intervenientes (profissionais – público – criadores) bem como as noções de património, de objecto museológico e de colecção. O poder de decisão é reequacionado em termos de uma possível autogestão, ou de pelo menos de uma maior acessibilidade de cada interveniente à gestão museológica e à criação museográfica.

Estamos pois a falar de uma museologia informal que se enquadra no conceito mais amplo de MUSEOLOGIA SOCIAL o qual traduz uma parte considerável do esforço de adequação das estruturas museológicas aos condicionalismos da sociedade contemporânea.

Este esforço de adequação, que alias se estende a muitos outros países, foi sintetizado pelo Director Geral da UNESCO, Frederic Mayor, na abertura da XV Conferência Geral do ICOM da seguinte forma: A instituição distante, aristocrática, olimpiana, obcecada em apropriar-se dos objectos para fins taxonómicos, tem cada vez mais – e alguns disso se inquietam – dado lugar a uma entidade aberta sobre o meio, consciente da sua relação orgânica com o seu próprio contexto social. A revolução museológica do nosso tempo – que se manifesta pela aparição de museus

comunitários, museus *sans murs*, ecomuseus, museus itinerantes ou museus que exploram as possibilidades aparentemente infinitas da comunicação moderna – tem as suas raízes nesta nova tomada de consciência orgânica e filosófica”.

Relembrando mais uma vez as conclusões da reunião de Santiago do Chile de 1972 promovida pelo ICOM, onde se lia “Que a transformação das actividades do museu exige a mudança progressiva da mentalidade dos conservadores e dos responsáveis dos museus assim como das estruturas das quais eles dependem” devemos admitir a necessidade de formar novos profissionais de museus a partir das novas condições de produção do discurso museológico.

E neste campo é sem dúvida na museologia informal que encontramos a inovação a mudança e certamente os novos caminhos.

A exposição que se limita apenas a mostrar, sem questionar, cada vez mais se inscreve numa espécie de arqueologia de um pensamento museológico arcaico.

Não se lida mais nos museus apenas com objectos mas sim e sobretudo com ideias.

É certo que durante muito tempo, à museografia correspondia um conjunto de regras, que asseguravam uma exposição “correcta” dos objectos. Foi neste quadro, que a museografia contemporânea tomou forma integrando aperfeiçoamentos e novidades, em todos os seus aspectos (novas tecnologias, interactividade realidade virtual...).

Ao serviço do objecto ou ao serviço de ideias, devemos reconhecer no entanto que a museografia e as técnicas de exposição em geral constituem cada vez mais um meio de comunicação autónomo em relação ao museu.

Ora o objecto museológico, exuberante ou submisso, respeitado ou manipulado, é no essencial para os museus tradicionais um objecto “herdado”.

Insatisfeitos com esta situação, no Museu de Monte Redondo damos uma grande importância às questões da museografia, as quais têm vindo a ser estudadas num programa de investigação desenvolvido em conjunto com a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias e com o Museu Nacional de História Natural de Lisboa, procurando caminhos de uma museografia baseada em objectos criados pelos museus e que pelo manuseamento das formas exprimem ideias.

Mas a museografia como meio de comunicação visual pode utilizar e aprofundar a potencialidade comunicativa da FORMA, não herdada do objecto, mas sim criada para cada situação.

As noções ou ideias de equilíbrio, sobreposição, transparência, clareza e sombra, simultaneidade, sequência, tensão, deformação, centralidade, figura e fundo, não são alheias a algumas práticas museográficas. No entanto devemos ressaltar que a sua utilização corrente por alguns museus é posta apenas ao serviço do objecto museológico que se pretende exhibir e não como elementos conformadores de uma nova linguagem das formas criadas.

Ao procurarmos aprofundar uma possível teoria da museografia ou num âmbito mais largo, pensarmos com Pierre Francastel numa epistemologia de criação imaginária, naturalmente que teremos que integrar a ideia de que a aparência de qualquer elemento depende do seu lugar e da sua função num padrão total. "Longe de ser um registro mecânico de elementos sensoriais, a visão prova ser uma apreensão verdadeiramente criadora da realidade – imaginativa, inventiva, perspicaz e bela... Toda a percepção é também pensamento, todo o raciocínio é também intuição, toda a observação é também invenção. A forma de um objecto que vemos, contudo, não depende apenas de sua projecção retiniana numa dado momento. Estritamente falando, a imagem é determinada pela totalidade das experiências visuais que tivemos com aquele objecto ou com aquele tipo de objecto durante toda a nossa vida" (Rudolf Arnheim, *Arte e Percepção Visual*, São Paulo, 1994, p. 40) pelo que temos de integrar, o papel da memória na criação das matrizes do imaginário, que em última análise condicionam a criatividade.

Se pretendemos então participar no processo de renovação de Museologia em Portugal torna-se pois evidente que teremos que pensar o ensino da Museologia de forma adequada às novas solicitações.

- o novo lugar da museologia na sociedade
- museologia no seio do pensamento contemporâneo
- museologia de ideias/museologia de objectos
- poder de decisão autocrático ou partilhado
- museografia produto/museografia processo
- *show business*/intervenção social
- acervo de colecções/gestão ampla da informação
- novas tecnologias como recurso ou como engodo
- estatísticas/serviços educativos
- listagem de actividades/planeamento estratégico

Quando criámos em 1989, no âmbito do Ensino Superior em Portugal o primeiro Diploma Universitário de Museologia – Curso de pós-graduação em Museologia Social, assumido claramente pelo Conselho Científico da Universidade Autónoma de Lisboa (tendo o corpo docente logo de seguida mudado para a Universidade Lusófona, ainda denominada por Instituto Superior de Matemáticas e Gestão por aí termos melhores condições para desenvolver o ensino da Museologia) tivemos que enfrentar não só a crítica de outras instituições de Ensino Superior como também dos sectores mais conservadores da nossa comunidade museológica. Na altura considerava-se que a Museologia não era mais que uma simples técnica com pouco ou nenhum conteúdo teórico específico, cujo ensino deveria ficar restrito no interior dos Museus ou das instituições coordenadoras como por exemplo o já extinto Instituto Português do Património Cultural.

Ainda hoje esses sectores se obstinam em controlar o trabalho das universidades, como consta da versão preliminar apresentada pelo

Instituto Português de Museus IPM no projecto de diploma sobre carreiras na área da Museologia e da Conservação e Restauro-27/10/98 agora em discussão e defendem que a direcção dos museus pode ser feita por pessoas sem formação universitária na área da Museologia!!!!, resistência essa que acabará por se esbater, que mais não seja pelo progressivamente desfazamento, cada vez mais evidente, entre os museus de Estado e a sociedade em geral.

No que diz respeito às universidades o tempo veio a dar-nos em parte razão, pois em 1992 a Universidade Nova de Lisboa criou um Mestrado em Museologia e Património, mais tarde a Faculdade de Letras do Porto começou a leccionar uma pós-graduação e em 1998 a Universidade de Coimbra também abriu um Mestrado em Museologia e Património. A orientação científica dada a cada um destes cursos não foi uniforme, mas a sua análise não cabe no âmbito deste artigo. Hoje tal resistência coloca-se ao nível da graduação Licenciatura em Museologia a qual mais tarde ou mais cedo, se impõe como formação de base para as diferentes carreiras do foro da museologia.

É alias carente de sentido que se proponha formação ao nível da Pós graduação do Mestrado ou mesmo do Doutoramento sem que isso se apoie numa formação de base ao nível da Licenciatura assumidamente em Museologia.

É neste contexto que temos vindo a estruturar os diferentes Cursos de pós-graduação na Universidade Lusófona:

Curso de Museologia Social – 4 Semestres

Curso de Museologia e Educação – 2 Semestres

Curso de Conservador / Museólogo – 4 Semestres

Curso de Mestrado de Museologia – 4 Semestres¹

Assim se justifica a escolha dos planos curriculares para os diferentes cursos organizados no seio da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias que a seguir se apresentam e que são extraídos dos respectivos processos de criação aprovados pelo Conselho Científico da ULHT.

Curso de pós-graduação em Museologia Social

O conceito de Museologia Social, traduz uma parte considerável do esforço de adequação das estruturas museológicas aos condicionalismos da sociedade contemporânea.

Este processo anunciava-se já na Declaração de Santiago (1972 UNESCO/ICOM) onde se considerava também: que o museu é uma instituição ao serviço da sociedade da qual é parte integrante e que possui em si os elementos que lhe permitirem participar na formação da consciência das comunidades que serve; que o museu pode contribuir para levar essas comunidades a agir, situando a sua actividade no quadro histórico que permite esclarecer os problemas actuais...

¹ Aguarda autorização ministerial.

Que esta nova concepção não implica que se acabe com os museus actuais nem que se renuncie aos museus especializados mas que pelo contrário esta nova concepção permitirá aos museus de se desenvolver e evoluir de maneira mais racional e mais lógica a fim de se melhor servir a sociedade”

Na Declaração de Caracas de 1992, que o ex-presidente do ICOM, Hugues Varine, considerou como a mais profunda reflexão colectiva sobre museus e museologia dos últimos vinte anos estes princípios são claramente reafirmados e considerados como fundamentais para o desenvolvimento da museologia e estruturam a prospectiva apresentada no Relatório de Síntese da XVI Conferência Geral do ICOM.

A abertura do museu ao meio e a sua relação orgânica com o contexto social que lhe dá vida tem provocado a necessidade de elaborar e esclarecer relações, noções e conceitos que podem dar conta deste processo.

Em Portugal, apesar deste movimento ser mais recente, deve-se reconhecer que estas questões têm sido amplamente debatidas no presente contexto de descentralização, de reforço do poder autárquico e da democratização da vida cultural e associativa.

Refira-se a título de exemplo e em particular as "Jornadas sobre a função social do Museu" organizadas pelo MINOM (Movimento Internacional para uma Nova Museologia, organização afiliada ao ICOM e criada em Lisboa em 1985) e os "Encontros Nacionais de Museologia e Autarquias" organizados pela ULHT em colaboração com Câmaras Municipais. A importante participação nessas reuniões de museólogos, conservadores, autarcas, responsáveis associativos, investigadores e professores universitários, ligados sempre e de formas diferentes a processos museológicos que cobrem todo o país, testemunham claramente que a comunidade museológica portuguesa se integra e é cada vez mais actora neste processo geral de transformação, renovação e inovação que percorre os museus e a museologia.

É pois neste contexto nacional e internacional, que a formação no domínio da museologia, deve ser entendida como um factor fundamental no desenvolvimento das nossas estruturas museológicas.

Esta formação que em nosso entender deve ter obrigatoriamente por base o quadro geral da museologia, tal como está definido no art. 3.º do Estatuto do ICOM, deve ter também em consideração as novas condições sociais da produção museológica.

Disciplinas que compõem os Planos de estudos dos Cursos de Museologia Social

A Função Social do Museu
Acção Cultural dos Museus
Conservação Preventiva
Documentação e Inventariação
Escola e Património Local

Investigação em Marketing e Público
Museografia e Arquitectura de Museus
Museologia e Pensamento Contemporâneo
Museologia e Meio Ambiente
Museologia Geral
Pedagogia e Museologia
Planeamento Estratégico e Gestão

Seminários

A Historicidade do Objecto Museológico
A Prática da Ecomuseologia na América do Norte
Administração e Gestão Cultural
Formas e Meios de Comunicação
História da Museologia
Legislação do Património
Museologia Contemporânea em Portugal
Museologia e Animação Cultural
Museologia e Ciências Exactas
Museologia e Comunicação
Museologia e Desenvolvimento
Museologia e História Local
Museologia e Meio Ambiente
Museologia e Turismo
Novos Rumos da Museologia – Organização do Património Museológico
Semiótica, Comunicação e Museologia
Seminário de Síntese
Estágio opcional
Encontro Nacional Museologia e Autarquias

Curso de pós graduação em Museologia e Educação

Este curso apresenta na sua justificação as seguintes preocupações: Na tentativa de ultrapassar o monólogo a que temos vindo a assistir, entre Museus e Escolas (independentemente do nível de ensino a que nos situemos) propomos a criação de uma especialização em Museologia e Educação vocacionada particularmente para professores e profissionais de Museus. Pensamos que é no exercício da função educativa que o Museu exerce mais profundamente o papel de instituição ao serviço da comunidade. Educação e pedagogia convidam à adaptação, à evolução, à defesa dos percursos individuais, ao respeito pelas dinâmicas de grupo, à capacidade de divulgar os conhecimentos e desenvolver uma variedade de meios didácticos para favorecer o percurso cognitivo.

Respeitando as diferenças individuais, acompanhados de técnicas pedagógicas específicas, Museus e Escolas deverão contribuir para o desenvolvimento integral do homem.

Novos Rumos da Museologia...

Ao estruturarmos este curso, tivemos sempre presente a trilogia: museologia/ comunicação/ pedagogia, no sentido, de rentabilizar o potencial Escola e o potencial Museu fazendo com que sejam um todo ao serviço da comunidade.

Foi nossa preocupação dotar esta especialização de uma vocação interdisciplinar no contexto das ciências sociais e humanas, privilegiando vários itens:

- a) Explorar as contribuições da museologia para o enriquecimento do trabalho pedagógico como processo gerador de mudança.
- b) Rentabilizar o intercâmbio de recursos entre instituições museais e escolares.
- c) Desenvolver projectos de Museus Escolares ao serviço da comunidade com vista à transformação.
- d) Construir uma linha de acção museológica voltada para a dinamização de espaços culturais.
- e) Construir uma museologia activa e interactiva capaz de fazer do Museu um instrumento de desenvolvimento.
- f) Apetrechar os formandos de instrumentos teórico-práticos eficazes sobre os vários discursos museológicos e suas diferentes áreas de intervenção e aplicação.

Pretende-se que no final das sessões, os formandos possam em qualquer contexto escolar ou museológico produzir uma análise ampla da realidade em questão. Consigam adequar as suas técnicas à especificidade da sua realidade num diálogo e permanente avaliação, conduzindo-nos a uma museologia educacional que se efectuará na acção e na reflexão.

Para além de serem ministrados seminários onde se procura o contacto directo com práticas museológicas e educativas inovadoras, será também facultada a possibilidade dos formandos realizarem estágios nos sectores educativos de algumas instituições museológicas nacionais e estrangeiras. Estes estágios proporcionarão a oportunidade de vivenciar a prática museológica realizada entre Escola/Museu, Museu/Escola e ainda tentar minorar o fosso existente entre a teoria e a prática.

Plano de estudos do Curso de Museologia e Educação

- História da Museologia e Novas Museologias
- Pedagogia e Museologia
- Serviços Educativos dos Museus
- Escola e Património Local
- Museologia e Pensamento Contemporâneo
- Formas e Meios de Comunicação
- Educação e Cidadania
- Museologia, Educação e Desenvolvimento
- Museologia e Marketing
- Estágio (ver estágios preparados pelo CESM)

Curso de Conservador/Museólogo

Tendo por base as orientações apresentadas no documento preparatório para uma Lei de Bases do Sistema Museológico Português-APOM / ICOM 1996 e publicadas no Boletim da Associação Portuguesa de Museologia II série, n.º 3, 1996, p. 11, foi organizado o Curso de Conservador / Museólogo o qual propõe uma formação especializada de nível de pós-graduação, cobrindo além das áreas tradicionais da museologia, um ensino voltado para as novas solicitações das instituições museais, que buscam uma real inserção e participação na sociedade contemporânea.

Reconhece-se hoje que a coordenação dos museus exige uma formação superior que possa fornecer aos Conservadores/Museólogos um sólido conhecimento sobre os vários domínios da museologia.

A carreira de conservador de museus ou museólogo é a primeira entre as profissões museais que pressupõe uma formação especializada dirigida à especificidade diferencial da instituição museu. (...) Consideram-se candidatos à carreira de conservador de museus/museólogo todos os que, após uma formação universitária a nível da licenciatura, tenham cumprido dois anos de formação especializada e pós-graduada na área da museologia, incluindo as seguintes valências: a) técnicas de incorporação, registo e gestão do património museológico; b) conservação preventiva; c) museografia; d) organização e gestão de museus; e) acção cultural, pedagógica e científica dos museus; A esta formação acresce um período de estágio numa instituição museal, que poderá ser suprido se o candidato exercer essas funções há mais de um ano.

Esta denominação Conservador/Museólogo traduz a necessidade de introduzir progressivamente na comunidade museológica portuguesa o conceito de Museólogo mais amplo que o de Conservador

Plano de estudos do Curso de Conservador/museólogo

1.º e 2.º Semestres

- A Função Social do Museu
- Museologia e Memória
- História da Museologia e Novas Museologias
- Documentação e Inventariação
- Conservação Preventiva
- Museologia Geral

Variante Museologia e Educação

- Escola e Património Local
- Pedagogia e Museologia
- Museologia e Práticas Didácticas

Variante Museologia e Marketing

- Psicologia do Consumidor
- Museologia e Marketing

Investigação em Marketing e Público Seminários
Promoção das Instituições Culturais
Museologia e Comunicação
Ecomuseologia na América do Norte

3.º e 4.º Semestres

Museologia e Pensamento Contemporâneo
Acção Cultural dos Museus
Museologia e Património Artístico Português
Planeamento Estratégico e Gestão
Museografia e Arquitectura de Museus
Património Industrial e Museologia Seminários
Museologia Contemporânea em Portugal
Museologia e Cidadania
Semiótica, Comunicação e Museologia
Museologia, e Reabilitação Urbana
Museologia e Ciências Exactas
Documentação e Inventariação
Estágio (Opcional)

Curso de Mestrado em Museologia

Tem-se assistido nestes últimos anos a uma manifesta preocupação por parte de várias universidades em criar formação de nível superior, nos vários domínios da museologia, de modo a dar resposta às carências em meios humanos especializados, com os quais se confrontam as instituições vocacionadas para a gestão e valorização dos bens patrimoniais. Neste sentido vão as orientações do ICOM (Conselho Internacional dos Museus) e do ICOMOS (Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios).

Esta situação à qual urge dar a solução conveniente, resulta em particular do desenvolvimento de iniciativas museológicas, que um pouco por todo o país têm aparecido no âmbito das autarquias e das mais diversas associações e instituições culturais. Trata-se essencialmente de novos museus locais, que pela sua prática e projectos, se têm afirmado como instituições inovadoras com uma forte ligação ao meio onde estão inseridas, partilhando com o poder local responsabilidades crescentes no domínio do planeamento e ordenamento do território, identificação e valorização do património construído, e definição de políticas culturais.

Ao prepararmos este Curso de Mestrado em Museologia, tivemos sempre em mente duas outras preocupações que estruturam o plano curricular.

— Trata-se do posicionamento dos museus no contexto da sociedade portuguesa, enquanto produtores de informação e de serviços, dependendo a sua viabilidade da abertura às técnicas modernas de gestão.

— Por outro lado trata-se da necessidade de criar um corpo de investigadores e docentes capazes de desenvolver com bases e métodos científicos a Museologia.

Deve ainda ser posto em evidência que se a relação entre a Museologia e a Arquitectura, a História, e a Sociologia é correntemente aceite, quer nos meios profissionais quer académicos, por mais forte razão a museologia e a Ecomuseologia, tal como conformam o presente curso, se relacionam com o Urbanismo, o qual se fundamenta e articula com condicionantes históricas, sociológicas, patrimoniais, ecogeográficas, políticas, económicas e técnicas.

Tanto mais que a museologia agora em questão, se define como um meio de intervenção social e de comunicação ao serviço do desenvolvimento das comunidades que serve, não se limitando às tarefas tradicionais em que tantas vezes é colocada e reduzem o MUSEU à simples condição de armazém de objectos.

Daí o facto de se ter optado por um conjunto de disciplinas que enquadram a intervenção museológica (História Oral, Etnologia, Sociologia, Planeamento...) num entendimento amplo do conceito de PATRIMÓNIO, sem descuidar no entanto as questões de Museografia e de Conservação Preventiva fundamentais igualmente para o FAZER MUSEOLÓGICO. Assim se compreende a ausência de disciplinas de História da Arte, Estética, Heráldica e tantas outras mais adaptadas aos museus que se dedicam à gestão e apresentação de colecções. Alias estes últimos museus, são também em muitos países objecto de profunda reflexão e sujeitos a processos de dolorosa transformação e adaptação ao mundo e Pensamento Contemporâneo.

Reforçando esta postura, deve ser perfeitamente esclarecido que o presente curso de Mestrado não pretende pois cobrir a totalidade do saber/fazer museológico, mas antes pelo contrário traduz o reconhecimento da vastidão desse saber pelo que declaradamente se orienta (sem que isso implique uma qualquer exclusividade) para uma área da museologia praticada em centenas de processos no âmbito das autarquias, juntas de freguesia, e associações culturais espalhadas por todo o país.

Nestes casos a museologia procura antes de mais ser um recurso estratégico do desenvolvimento e ordenamento do espaço urbano ou rural, de resgate da memória colectiva e fermento da coesão social e não se preocupa apenas com a corrente e necessária, mas não única missão dos museus, que geralmente se resume à simples gestão e apresentação de colecções.

O plano curricular do Mestrado em Museologia é pois fruto de uma avaliação e entendimento das necessidades da museologia nacional e da experiência adquirida pelo Departamento de Museologia.

Plano de Estudos do Curso de Mestrado em Museologia

1.º e 2.º Semestres

A Função Social do Museu
Urbanismo e Património
Museologia e Pensamento Contemporâneo
Museografia

Urbanismo e Desenvolvimento Cultural
Conservação Preventiva (a)
Museologia e Desenvolvimento (a)
Museologia e Oralidade (a)
Etnossociologia do Desenvolvimento (a)

3.º e 4.º Semestres

Seminário de Investigação, elaboração e defesa da tese

(a) – o aluno deverá escolher duas das cadeiras de opção apresentadas no plano de estudos

Centro de Estudos de Sociomuseologia

Este centro de estudo ocupa um lugar de primeira importância no trabalho da Universidade no domínio da Museologia concentrando em si um conjunto de actividades de apoio ao ensino.

A actividade do Centro de Estudos de Sociomuseologia que foi criado em 1993 traduz-se especialmente no aos diferentes cursos.

Neste sentido o CESM estabeleceu para fins de Estágios acordos de cooperação com uma vasta rede de instituições museológicas onde os nossos alunos podem no final dos cursos realizar estágios de acordo com as suas próprias opções. Entre outros citamos o Museu Nacional de História Natural de Lisboa, Museu de Lamego, Ecomuseu de Haute Beauce Québec, Museu de Antropologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, Museu Didáctico-Comunitário de Itapuã- Bahia, Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro.

O CESM organiza também anualmente com a presença média de uma centena de autarcas, estudantes e professores de Museologia, profissionais de museus e responsáveis associativos, o Encontro Nacional de Museologia e Autarquias para aprofundar questões sobre política e práticas culturais das autarquias. De um modo geral, pode-se afirmar que a defesa do Património Cultural nos seus múltiplos aspectos e a sua consequente valorização e integração no desenvolvimento local, constituem hoje uma preocupação corrente da gestão autárquica em Portugal.

Neste sentido o apoio e/ou promoção de iniciativas museológicas, faz parte da programação da maioria dos nossos municípios e freguesias.

Também é certo que a falta de quadros especializados aliada à frequente fragilidade do planeamento museológico e a utilização de modelos museais ultrapassados, constitui um factor de insegurança que condiciona e dificulta a tomada de decisões pelos autarcas.

É neste quadro que o Centro de Estudos de Sociomuseologia CESM da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias CESM/ULHT tem vindo a organizar anualmente e com a presença média de uma centena de autarcas, estudantes e professores de Museologia, profissionais de museus e responsáveis associativos, um Encontro Nacional de Museologia e Autarquias com o objectivo de aprofundar questões sobre política e práticas culturais das autarquias.

Estes encontros que tiveram a sua origem em 1990 no âmbito do Curso de Pós-Graduação em Museologia Social primeiro na Universidade Autónoma de Lisboa e depois já no quadro do CESM /ULHT, têm vindo a ser acolhidos por diversas autarquias respeitando o princípio orientador da itinerância, (Câmaras Municipais de Beja-1991, de Setúbal-1992, de Tondela-1993, de Lisboa-1994, de Aveiro – 1995 do Seixal-1996 de Portimão – 1997 de Loures – 1998 . No presente ano de 1999 o Encontro será acolhido pela Junta de Freguesia de Monte redondo em junho e pela CM das Caldas da Rainha e no ano 2000 pela CM de Santarém.), o que de certa forma traduz a utilidade e necessidade de pôr em presença os diversos actores da Museologia Local em Portugal.

Trata-se no essencial de facilitar a apresentação, observação e o debate público dos trabalhos museológicos (sucessos e obstáculos) em curso ou em projecto, procurando assim contribuir para uma melhor avaliação do papel e das potencialidades da museologia, quando posta ao serviço da comunidade que lhe dá vida.

Num âmbito mais vasto o CESM acolheu em 1994 a 26.ª Conferência do ICTOP, Comité Internacional para a Formação do Pessoal dos Museus do ICOM.

Esta iniciativa foi realizada em colaboração como o MINOM, Movimento Internacional para uma Nova Museologia e com a APOM Associação Portuguesa de Museologia, o que testemunha a credibilidade científica e as excelentes relações da ULHT com os meios profissionais e universitários nacionais e estrangeiros.

O CESM recebe professores convidados provenientes de outras universidades e instituições estrangeiras os quais leccionam disciplinas ou orientaram Seminários de Aprofundamento com a duração média de 20 horas, abertos aos alunos e à comunidade museal em geral. Para além da colaboração permanente do Prof. Pierre Mayrand da Universidade do Quebec em Montreal, fundador e coordenador do MINOM, estes professores vêm sobretudo de universidades e museus brasileiros com os quais a ULHT mantém relações de estreita cooperação (Universidade Federal da Bahia, Universidade de Campinas, Universidade de São Paulo, Universidade do Rio de Janeiro, Museu Didáctico Comunitário de Itapuã Bahia, Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro, Museu Imperial de Petrópolis...) Por outro lado professores da ULHT têm assegurado cursos, seminário e palestras nestas universidades reforçando este relacionamento extremamente enriquecedor. O CESM oferece anualmente 2 bolsas de estudo para estudantes brasileiros dos cursos de Museologia.

Para apoio aos cursos, o CESM edita uma colecção, «Cadernos de Sociomuseologia», onde são publicados textos produzidos pelo corpo docente e discente dos diferentes cursos e actas de reuniões.

No presente ano para dar resposta a solicitações de vária ordem foi criado o Serviço de Apoio Técnico e Consultoria para Museus estando a decorrer trabalhos preliminares para a Câmara Municipal da Murtosa – Ecomuseu da Ria – programação museológica, salvamento de colecções e projectos de arquitectura e de museografia, e para a Cité des Sciences

de La Villette – projecto de investigação e pesquisa junto ao Departement Evaluation et Prospective, sobre espaços interactivos para crianças pequenas na Cité des Enfants, La Villette, com sugestões para o planeamento de tais espaços.

Assim se pode resumir o trabalho que a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias tem vindo a desenvolver, em prol da dignificação dos Museus e da Museologia em Portugal, conscientes que a qualidade do ensino só se pode fundamentar no conhecimento do meio museológico que lhe dá vida, ao mesmo tempo que reconhecemos que o maior desafio do ensino da museologia em Portugal não é só, o de ensinar aquilo que consta dos manuais de museologia, mas sim, dotar também os futuros museólogos de meios que lhes permitam situar-se e agir num contexto de mudança, que percorre todos os aspectos da sociedade portuguesa.